Resenhas

DEBARBIEUX, Éric. *La violence en milieu scolaire, 1: état des lieux*. 2ª ed. Paris: ESF Editeur, 1997.

O interesse de Éric Debarbieux pela questão da violência na escola não é novo e ocupou sua vida profissional durante os quinze anos em que foi educador e professor primário na França. O resultado de suas experiências com casos dramáticos de agressividade entre alunos culminou na publicação, em 1990, de *Violence dans la classe*.

O livro em tela é resultado do trabalho de uma das equipes de pesquisa patrocinadas pelo Ministério da Educação Nacional e pelo Instituto de Altos Estudos da Segurança Interior, que, ante as lacunas do conhecimento sobre violência, resolveram lançar uma série de estudos sobre o tema. Além desses resultados, o livro também incorpora as experiências do autor e de sua equipe nas numerosas ações de prevenção conduzidas em escolas de Aquitaine, graças ao Fundo de Ação Social dos Trabalhadores Imigrantes e suas famílias.

A forma de se aproximar do fenômeno da violência escolar é tão complexa quanto sua definição. Para Debarbieux, a violência na escola francesa remonta muito mais ao problema da incivilidade do que aos delitos e transgressões legais, ou seja, ela diz mais respeito a um padrão de interações escolares conflituosas do que aos incidentes criminosos. No sentido de apreender o fenômeno nas suas diversas faces, o autor coloca algumas questões: qual é a novidade das violências escolares atuais? O que são essas violências e como as medir? A violência se distribui ao acaso, ou ela só é significativamente presente em certos lugares, em particular nas periferias desfavorecidas das grandes cidades? Há espaço para a ação no estágio atual do problema, ou ele é fatal? Somente a exclusão explica o problema ou existem causas internas à escola que também são responsáveis pelos eventos violentos?

As respostas foram buscadas por meio de estudos em uma centena de escolas, da elementar ao liceu, com a utilização de diversos métodos a fim de coletar os depoimentos de 14.000 alunos e 700 adultos.

Inicialmente, o autor realiza uma discussão sobre o lugar da violência nas escolas desde o período medieval. Defendendo a idéia de que a violência sempre existiu no ambiente escolar, o autor nos remete à visão de infância que perpassou durante séculos o imaginário ocidental e que a percebia como uma idade de selvageria e de contra-senso que cabia à escola corrigir. Demorou muito até que as representações da infância levassem à desvalorização da brutalidade dos educadores.

Os castigos e as varas de marmelo utilizadas pelos professores na disciplinarização discente ficaram muito mais conhecidas e despertaram mais atenção dos pesquisadores do que a violência dos alunos. Esta última é registrada pelos arquivos que descrevem as várias brigas escolares, demonstrando que os alunos estavam longe da pura submissão às varas.

Para Debarbieux, as violências escolares anteriores ao século XX, na França, tiveram uma intensidade muito maior do que as atuais. Os castigos corporais ocupavam um lugar central no imaginário pedagógico e se harmonizavam com a visão pessimista de infância. Os duelos, revoltas e greves dos alunos foram durante muito tempo respostas juvenis a essas violências escolares.

O século XX testemunhou a pacificação do ambiente escolar, ao menos no que se refere aos "crimes de sangue", mas surgiu um outro problema: a indisciplina discente caracterizada pelo barulho incessante e pela recusa dos alunos

em aderir aos padrões de ordem escolar.

É preciso relativizar os significados que acompanham a noção de violência em nossa época, a fim de tornar possível um olhar histórico à escola do passado que a perceba no interior de um contexto sociocultural distinto, fortemente marcado pela valorização do castigo físico e por sua presença nos modos admitidos de socialização.

Debarbieux problematiza as definições de violência e questiona a visão objetivista; citando Sebastian Roché, defende que a adjetivação "violenta" depende das convenções sociais dominantes, as quais definem as condições pelas quais a violência é apreendida como tal. Para fugir às definições prévias e distanciadas dos sujeitos, o autor opta por apreender as representações dos alunos e professores acerca da violência no ambiente escolar.

A pesquisa

Depois da publicação de *Violence dans la classe*, Debarbieux foi solicitado por várias escolas para que as auxiliasse na resolução dos problemas de violência. O autor passou, então, a realizar um trabalho de diagnóstico e intervenção nas unidades. Neste livro, Debarbieux expõe basicamente os resultados dos diagnósticos realizados.

Foram pesquisados 86 estabelecimentos, agrupados conforme as características sociais. A investigação teve duas fases: aplicação de questionários para adultos e alunos de um lado e entrevistas individuais e grupos de discussão, de outro, esses últimos conduzidos a partir do método de "mediação sociológica" (Touraine, 1979; Dubet, 1987, 1991).

O questionário para adultos foi aplicado a 436 pessoas, 339 delas trabalhadoras em colégios, 40 em escolas primárias e 57 em liceus.[1] Foram realizadas 80 entrevistas coletivas, perfazendo um total de 350 pessoas, além de 100 entrevistas individuais.

Para os alunos, foram aplicados 14.316 questionários, divididos em 33 escolas primárias, 40 colégios e 11 liceus. O objetivo dessa fase foi mensurar o clima dos estabelecimentos a partir de questões relativas à percepção da escola, clima entre alunos, relações com os professores e com outros adultos, percepção da violência, visão sobre o bairro em que a escola se localiza, lugares preferidos e evitados da escola, percepção das punições e relação entre vitimização e percepção da violência.

Os resultados da pesquisa mostram que não é em termos de crimes e delitos que a violência escolar deve ser pensada, mas sim em termos de incivilidades, já que essas indicam a desorganização da ordem escolar. Ficou patente que a violência está intrinsecamente relacionada às características sociais da população envolvida: "A sociologia da violência na escola é, antes de mais nada, uma sociologia da exclusão" (p. 75).

As respostas dos alunos sugerem que o clima médio das escolas é mais tranqüilo do que a mídia faz crer, já que 43% deles dizem que há um pouco de violência em sua escola e 18%, que não há nenhuma. Enquanto para os alunos a violência aparece sobretudo através dos tumultos, para os adultos a violência está mais relacionada às agressões verbais (58%), apontadas somente por 9% dos alunos.

Os lugares da transgressão são locais de passagem (escadas, corredores), lugares do questionamento do poder adulto e lugares onde não há vigilância.

Os alunos do primário vêem a relação com os professores de forma mais positiva — 77,5% a acham boa ou muito boa, índice que diminui no colégio (48%) e no liceu (46%). Já em relação à percepção da violência nota-se uma maior sensibilidade no primário — 51% disseram haver pouca ou nenhuma violência — a qual decresce progressivamente conforme o avanço etário dos alunos: 58% dos alunos do colégio não percebem violência e 82% do liceu. A maior percepção de violência pelas crianças deve-se, segundo Debarbieux, à fase do desenvolvimento moral em que se encontram, na qual qualquer variação das regras é percebida como uma ruptura nos códigos normativos adultos. Conforme a idade avança, as relações com os professores tornam-se mais negativas, embora a passagem para outro tipo de estabelecimento (do primário para o colégio, por exemplo) também seja responsável pelas diferenças nas percepções de violência, pois os padrões de interação se modificam.

Para perceber os impactos dos determinantes sociais no clima dos estabelecimentos foram utilizadas quatro variáveis: porcentagem de alunos de meios desfavorecidos, taxa de alunos estrangeiros, taxa de atraso escolar e número de alunos do estabelecimento.

Os dados mostram que alunos de escolas mais favorecidas respondem que não há violência e os de escolas desfavorecidas apontam mais violência e agressividade. O sentimento de violência se dá em função do perfil social da escola: quanto maior a situação de exclusão, maior a intensidade desse sentimento, o qual recobre um risco de vitimização desigualmente repartido.

Observou-se uma relação entre aumento da insegurança e

vitimização real. Nos locais mais pauperizados há uma maior insegurança, pois a exposição ao risco é, realmente, maior. Isso não deve ser interpretado como um impulso natural violento dos mais pobres, mas como uma dificuldade que as escolas têm de integrar as classes sociais desfavorecidas e assegurar interações sem confronto.

Embora os alunos sejam conscientes de seu papel na aceitação ou não das exigências docentes, temem o poder dos professores e expressam isso na recusa ao que percebem como abusos dos professores ao julgá-los e puni-los. Esta é uma fonte de tensão permanente entre alunos e professores.

A presença da incivilidade no discurso adulto é signo de uma profunda crise de sentido. O desgaste docente relaciona-se às tensões cotidianas dos xingamentos entre alunos, da agitação e do sentimento de impotência. Há como que uma degradação constante, um alargamento do fosso entre "eles" e nós". Paralelo a isso tem-se o desejo de refundar certezas que permitam voltar ao controle da atividade profissional. A violência ressentida pelos professores provoca a ruptura em seus sistemas simbólicos e acabam por implicar uma perda de identidade. A imagem degradada de si e a perda de legitimidade da profissão não são essencialmente ligadas às trajetórias pessoais subjetivas, mas à precariedade da instituição que é incapaz de fornecer um modelo, inclusive ideológico, que favoreça a adesão dos alunos. Na ausência de um projeto coletivo de sociedade, os professores não podem propor aos alunos mais do que aquilo que é o seu próprio ideal de vida, o que é, obviamente, insuficiente.

É preciso, para fazer face à violência, refundar o sentido localmente, tendo em vista as realidades comunitárias nas quais as escolas estão inseridas. No entanto, a escola pública francesa não está preparada para isso. Por ser um país ideologicamente universalista, a França lê a resistência dos alunos aos valores universais como signo da barbárie, como se pode notar na divulgação midiática. O debate sobre violência escolar assume, portanto, um impacto extraordinário, já que atinge a identidade nacional, que se recusa a ouvir as lógicas comunitárias e ainda busca instituir a Nação a partir da escola.

Por fim, vale a pena citar na íntegra um trecho em que Debarbieux sintetiza sua percepção da crise na escola francesa:

"No *período atual, caracterizado por uma crise de identidade dos professores (por que ensino? o que ensinar?) e uma incerteza quanto aos valores (que devo fazer?), o acordo inicial baseado na escola do povo, libertadora e progressista, foi rompido. Onde está o cimento comum? O professor, em conjunto com seus pares, se curva à esfera privada (minha classe, minha família) tornando muito difícil a ação coletiva. O exterior é pouco conhecido, às vezes tido como hostil. O professor não está mais protegido por um estatuto e uma regra pré-definida, uma ideologia categórica, mesmo que de afrontamento. De onde uma diversidade irredutível de práticas que podem gerar conflitos abertos ou se consumar em conflitos velados.*" (p. 114)

Ana Paula de O. Corti
Universidade Federal de São Carlos

Referências bibliográficas

DEBARBIEUX, Éric, (1990). *Violence dans la classe*. Paris: ESF Editeur.

DUBET, François, (1987). *La galère*: jeunes en survie. Paris: Fayard.

_____, (1991). *Les lycéens*. Paris: Le Seuil.

TOURAINE, Alain, (1979). *La voix et le regard*. Paris: Le Seuil.

ROCHÉ, Sebastian, (1994). *Insécurité et libertés*. Paris: Le Seuil.

Notas

[1] A escola primária francesa corresponde aos nossos 1° e 2° ciclos do ensino fundamental, em São Paulo (antigas 1ª à 4ª séries); o colégio corresponde aos nossos 3° e 4° ciclos do ensino fundamental (antigas 5ª à 8ª série) e o liceu, ao nosso ensino médio (antigo 2° grau).

HARGREAVES, Andy. *Os professores em tempos de mudança*. Alfragide, Portugal: McGraw-Hill, 1998. 308 p. Original em inglês: *Changing teachers changing times*.

Neste livro, escrito em 1994, Hargreaves relaciona as mudanças na sociedade e na cultura com as transformações que se realizam ou deveriam realizar-se nas escolas e no trabalho dos professores.

Na primeira parte — "A mudança" —, o autor examina o processo de mudança da sociedade na transição da modernidade para a pós-modernidade, mostrando como esta última amplia o papel do professor e causa impactos no trabalho, no tempo e na cultura.